



MONITORANDO A FLORESTA: Indústria de cerâmica muda sua fonte de energia

Márcia Foletto



A CASCA de arroz entrou no lugar da madeira, que sempre foi a principal fonte energética dos fornos da indústria de cerâmica em Tocantins

Em Tocantins, casca de arroz queima nos fornos em vez da tradicional lenha

Velocidade de uso da madeira chamou a atenção dos pesquisadores

Liana Melo*

Enviada especial

● PALMAS, Tocantins. Prestes a completar 20 anos de existência, o estado de Tocantins virou alvo fácil de uma combinação bombástica. Para atender ao aquecimento repentino da demanda local por material de construção, os empresários adotaram as queimadas e o desmatamento como prática para alimentar seus fornos. Só que a velocidade com que a madeira vinha sendo queimada chamou a atenção dos pesquisadores do Experimento de Grande Escala da Biosfera-Atmosfera na Amazônia (LBA, da sigla em inglês). Mudar a matriz energética do

setor de cerâmica era a única opção à vista, e a escolha recaiu sobre a casca de arroz.

A troca foi triplamente rentável. Os custos foram reduzidos à metade. A casca do arroz, que estragava a céu aberto, emitindo gás metano, agora tem serventia. E há a possibilidade de investir no mercado de créditos de carbono, que pode se tornar uma das mais importantes *commodities* do mundo. Em sete anos, a Milenium — uma fabricante de médio porte local, com uma produção mensal de um milhão de peças — vai faturar R\$ 3,4 milhões com a venda de 240 mil toneladas em créditos de carbono. Por esse mecanismo, empresas que adotam tecnologias

limpas convertem a redução de emissão de gás carbônico em créditos de carbono, vendidos a companhias poluentes.

— Foi uma das boas tacadas deste ano — diz Ezequiel de Souza, dono da Milenium.

O projeto de substituição adotado em Tocantins é fruto da parceria entre o Instituto Ecológica e o Sebrae. Tudo começou há três anos, com o Arranjo Produtivo da Cerâmica Vermelha (APL, que define a aglomeração de empresas com a mesma especialização operando num mesmo local).

O avanço das empresas sobre a floresta e o cerrado vinha devastando Tocantins. Num universo de 65 empresas de ce-

râmica incluídas no diagnóstico do instituto, um quarto vinha consumindo mensalmente 7.500 metros de lenha. Para zerar esse passivo ambiental, seria necessário o plantio de 45 mil árvores anualmente. Só que a reposição florestal, como foi diagnosticado, é uma prática sonogada. Uma única empresa de cerâmica consome, em média, 900 hectares de cerrado por ano.

A São Judas, outra cerâmica de médio porte, está vendendo créditos de carbono, num volume total de R\$ 3 milhões, apenas com a substituição da lenha pela casca de arroz. ■

(*) A repórter viajou a convite do Instituto Ecológica

Outros estados alteram matriz energética

Modelo já foi adotado por 12 fábricas de cerâmica no Pará

● PALMAS, Tocantins. Não é só Tocantins que está adotando uma mudança de matriz energética no setor de cerâmica. O presidente do Instituto Ecológica, Stefano Merlin, já percorreu, no último ano, 17 municípios no entorno do Arco do Desmatamento (região da Amazônia Legal), para replicar a experiência em outras empresas do setor. Somente no Pará, o modelo já foi adotado por 12 fábricas de pequeno e médio portes. Outros estados que estão aderindo são Rio Grande do Norte, Ceará, Rondônia, Alagoas e São Paulo.

Merlin está convencido de que a adesão das empresas de cerâmica pode melhorar o desempenho do Brasil no mercado de carbono. O país vem perdendo espaço para a China e a Índia. Dos 2.382 projetos no âmbito do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), do Acordo de Kioto, o Brasil detém 10%, enquanto a China e a Índia dominam, com 31% e 30%, respectivamente. No começo do ano, o Brasil detinha 30%.

Como o desmatamento é considerado a segunda maior fonte de emissão de gases de efeito estufa que provocam a mudança do clima, Merlin está convencido de que a troca da matriz energética em Tocantins pode contribuir para reduzir os reflexos do aquecimento global regionalmente. O efeito da mudança do clima na região já é evidente: as chuvas estão mais intensas e a estiagem, mais longa.

Além do mais, como o desmatamento vinha atingindo uma velocidade de cruzado, em cinco anos, calcula Merlin, as empresas de cerâmica local entrariam em colapso financeiro, já que a madeira estava ficando cada vez mais distante e cara. (Liana Melo, enviada especial) ■